

IMPACTOS DA DIFERENCIAÇÃO DO SELF NO COMPROMETIMENTO E NA SATISFAÇÃO CONJUGAL DE JOVENS ADULTOS

Impacts of Self-Differentiation on Commitment and Marital Satisfaction in Young Adults

Impactos de la Diferenciación del Self en el Comprometimiento y en la Satisfacción Matrimonial de Adultos Jóvenes

Impacts de la Différenciation de Soi sur l'Engagement et la Satisfaction Conjugale des Jeunes Adultes

10.5020/23590777.rs.v23iEsp. 1.e12935

Angélica Paula Neumann

Pós-Doutora em Psicologia pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Professora na Universidade Regional Integrada do Alto Uruguai e das Missões (URI – Erechim). Psicóloga Clínica.

Marina Zanella Delatorre

Pós-Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Especialista em Terapia Sistêmica Individual, Conjugal e Familiar pelo Centro de Estudos da Família e do Indivíduo (CEFI).

Giovanita Mitie Maesima

Mestra em Psicologia pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS). Especialista em Terapia Sistêmica com indivíduos, casais e famílias pelo Centro de Estudos da Família e do Indivíduo (CEFI). Graduada em Psicologia pela Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC).

Patricia Santos da Silva

Pós-Doutora pelo Programa de Pós-graduação em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), Professora da Faculdade do Centro de Estudos da Família e do Indivíduo (FACEFI) e Psicóloga Clínica.

Adriana Wagner

Pós-Doutora pelo Instituto de Pesquisa em Qualidade de Vida da Universidade de Girona (Espanha). Doutora em Psicologia pela Universidade Autônoma de Madrid. Professora colaboradora do PPG em Psicologia da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS).

Resumo

A diferenciação dos adultos jovens de sua família de origem é uma das principais tarefas da etapa de transição para a vida adulta. Partindo da perspectiva do ciclo vital, espera-se que o cumprimento dessa tarefa facilite o processo de desenvolvimento nas fases subsequentes, como a da formação do casal. A partir desse pressuposto e da Teoria dos Sistemas Familiares de Murray Bowen, este estudo buscou verificar se a diferenciação do self prediz o compromisso e a satisfação com o relacionamento em jovens adultos casados ou coabitantes. Participaram 342 brasileiros de diferentes orientações sexuais, em sua maioria com ensino superior completo ou incompleto, com idades entre 20 e 29 anos e que residiam com seus(uas) parceiros(as). Os rendimentos mensais médios dos participantes e de seus(uas) parceiros(as) conjuntamente equivaliam a seis salários-mínimos (ano base 2020). Os participantes responderam a um questionário sociodemográfico, à Escala de Qualidade Conjugal e ao Inventário de Diferenciação do Self - R. Análises de regressão múltipla indicaram que as dimensões corte emocional e posição do eu, da diferenciação do self, foram preditoras do compromisso e da satisfação conjugal, enquanto a reatividade emocional foi preditora apenas do compromisso. Esses achados corroboram a literatura internacional e reforçam a importância da diferenciação do self em adultos jovens, especialmente considerando a sua reverberação na trajetória relacional subsequente. Os

resultados podem auxiliar profissionais que atuam tanto em contextos clínicos quanto com estratégias de promoção de saúde com casais e adultos jovens.

Palavras-chave: relações conjugais, satisfação conjugal, jovens, desenvolvimento do adulto.

Abstract

The differentiation of young adults from their family of origin is one of the main tasks of the transition to adulthood. From the life cycle perspective, it is expected that completing this task will facilitate the development process in subsequent phases, such as couple formation. Based on this assumption and Murray Bowen's Family Systems Theory, this study sought to verify whether differentiation of the self predicts commitment and satisfaction with the relationship in married or cohabiting young adults. 342 Brazilians of different sexual orientations participated, most of them with complete or incomplete higher education, aged between 20 and 29 years old, and who lived with their partners. The participants' and their partners' average monthly income was equivalent to six minimum wages (base year 2020). Participants responded to a sociodemographic questionnaire, the Marital Quality Scale, and the Self-Differentiation Inventory – R. Multiple regression analyses indicated that the emotional cut and self-position dimensions of self-differentiation were predictors of commitment and marital satisfaction, while emotional reactivity was a predictor only of commitment. These findings corroborate the international literature and reinforce the importance of differentiating the self in young adults, especially considering its repercussions in the subsequent relational trajectory. The results can help professionals who work in both clinical contexts and with health promotion strategies with couples and young adults.

Keywords: marital relations, marital satisfaction, young adults, adult development.

Resumen

La diferenciación de los adultos jóvenes de su familia de origen es una de las tareas principales de la etapa de transición para la vida adulta. Partiendo de la perspectiva del ciclo vital, se espera que el cumplimiento de esta tarea facilite el proceso de desarrollo en las fases subsecuentes, como la de la formación de la pareja. A partir de estos presupuestos y de la Teoría de los Sistemas Familiares de Murray Bowen, este estudio buscó verificar si la diferenciación del self predice el compromiso y la satisfacción con el relacionamiento en adultos jóvenes casados o que viven juntos. Participaron 342 brasileños de diferentes orientaciones sexuales, la mayoría con enseñanza superior completa o incompleta, con edades entre 20 y 29 años y que residían con sus parejas. Los rendimientos mensuales medios de los participantes y de sus parejas conjuntamente equivalían a seis sueldos-mínimos (año base 2020). Los participantes contestaron a un cuestionario socio-demográfico, a la Escala de Calidad Matrimonial y al Inventario de Diferenciación del Self – R. Análisis de regresión múltiple indicaron que las dimensiones corte emocional y posición del yo, de la diferenciación del self, fueron predictoras del compromiso y de la satisfacción matrimonial, mientras la reactividad emocional fue predictora solo del compromiso. Estos hallazgos corroboran la literatura internacional y refuerzan la importancia de la diferenciación del self en adultos jóvenes, especialmente considerando su reverberación en la trayectoria relacional subsecuente. Los resultados pueden ayudar profesionales que actúan tanto en contextos clínicos cuanto con estrategias de promoción de salud con parejas y adultos jóvenes.

Palabras clave: relaciones matrimoniales, satisfacción matrimonial, jóvenes, desarrollo del adulto.

Résumé

La différenciation des jeunes adultes de leur famille d'origine est l'une des principales étapes de la transition vers la vie adulte. En partant de la perspective du cycle de vie, on s'attend à ce que l'accomplissement de cette tâche facilite le processus de développement dans les phases ultérieures, telles que la formation du couple. À partir de cette hypothèse et de la Théorie des Systèmes Familiaux de Murray Bowen, cette étude visait à vérifier si la différenciation de soi prédit l'engagement et la satisfaction dans la relation chez les jeunes adultes mariés ou cohabitants. Un total de 342 Brésiliens de différentes orientations sexuelles a participé, la plupart ayant un niveau d'éducation supérieur complet ou incomplet, âgés de 20 à 29 ans et résidant avec leurs partenaires. Les revenus mensuels moyens des participant(e)s et de leurs partenaires conjointement équivalaient à six salaires minimums (année de référence 2020). Les participants ont répondu à un questionnaire sociodémographique, à l'échelle de qualité conjugale et à l'inventaire de différenciation du Soi - R. Les analyses de régression multiple ont indiqué que les dimensions coupure émotionnelle et position du Moi, de la différenciation du soi, étaient des prédicteurs de l'engagement et de la satisfaction conjugale, tandis que la réactivité émotionnelle était seulement un prédicteur de l'engagement. Ces résultats confirment la littérature internationale et soulignent l'importance de la différenciation de soi chez les jeunes adultes, en particulier en tenant compte de sa

répercussion sur la trajectoire relationnelle ultérieure. Les résultats peuvent aider les professionnels travaillant à la fois dans des contextes cliniques et dans des stratégies de promotion de la santé auprès des couples et des jeunes adultes.

Mots-clés : *relations conjugales, satisfaction conjugale, jeunes, développement de l'adulte.*

O desenvolvimento do indivíduo ocorre de forma integrada ao ciclo evolutivo de sua família. O ser humano nasce, cresce e morre dentro de um contexto familiar; assim as relações estabelecidas com seus pais, irmãos e outros membros se transformam na medida em que todos avançam no tempo. Os limites mudam, a distância psicológica entre os membros muda, e as funções de caráter inter e intrassistêmico são constantemente redefinidas (McGoldrick et al., 2016).

Essas relações familiares se estabelecem e sofrem modificações de acordo com o contexto sociocultural em que o jovem e sua família estão inseridos. Em países industrializados e desenvolvidos é comum que os jovens transitem para a idade adulta mais tarde do que em países subdesenvolvidos, em virtude do alto investimento na educação formal e do consequente adiamento da independência financeira (Brandão et al., 2012). Para adultos na faixa etária dos 20 aos 30 anos, especialmente para aqueles de níveis socioeconômicos médios e altos, as demandas de finalizar a educação formal, encontrar seu lugar no mercado de trabalho, sair da casa dos pais e encontrar um(a) companheiro(a) de vida são esperadas (Dutra-Thomé et al., 2019; Leme et al., 2021; McGoldrick et al., 2016).

Investigações brasileiras indicam que a significativa desigualdade social presente no país reverbera em diferentes experiências de transição para a vida adulta, conforme o nível socioeconômico (Brandão et al., 2012; Dutra-Thomé & Koller, 2014). A transição para a adultez de brasileiros das camadas médias e altas parece se assemelhar a que ocorre em países desenvolvidos, enquanto os jovens das camadas mais pobres são, com maior frequência, compelidos a assumir mais rapidamente as responsabilidades da vida adulta. Nesse sentido, Dutra-Thomé e Koller (2014) adicionam que, embora o senso de ambivalência quanto à entrada na vida adulta tenha sido verificado tanto em jovens de nível socioeconômico alto quanto baixo, isso é mais predominante no primeiro grupo.

Independentemente da idade em que tal transição ocorre, a entrada na idade adulta é marcada por um movimento de individuação do jovem com relação à sua família de origem (Berliner et al., 2016; Fulmer, 2016; Papalia & Feldman, 2013). Nessa etapa, as fronteiras e a interação com a família devem ser atualizadas, passando pelo processo de dependência em direção à autonomia, ao mesmo tempo em que se mantêm os vínculos afetivos. Junto a isso, o jovem adulto possui a tarefa de encontrar um espaço para si no mundo externo, explorando e expandindo suas relações no trabalho, na amizade e no amor (Berliner et al., 2016; Erikson, 1998; Fulmer, 2016; McGoldrick & Shibusawa, 2016). Na cultura brasileira, em que há maior orientação relacional em comparação a culturas mais individualistas, a noção de autonomia voltada ao sucesso profissional parece coexistir com a busca de proximidade e interdependência nas relações afetivas e familiares, especialmente entre as mulheres (Dutra-Thomé et al., 2019).

De acordo com a teoria do ciclo vital familiar, o processo emocional central de transição na etapa de emergência de jovens adultos envolve aceitar a responsabilidade emocional e financeira por si mesmo(a). Para que isso ocorra, é necessário o desenvolvimento da diferenciação de si mesmo em relação à família de origem (McGoldrick et al., 2016). Conforme a teoria dos sistemas familiares de Murray Bowen (1991), a diferenciação do self é um processo de longo prazo que corresponde ao nível de autonomia emocional que um indivíduo estabelece em relação à tendência de fusão emocional de sua família. Ou seja, pode ser compreendida como a habilidade de equilibrar a autonomia individual com o desenvolvimento de conexões emocionalmente significativas (Dell'Isola et al., 2019).

Bowen (1991) propõe que a diferenciação do self pode ser avaliada em um continuum, subdividido em quatro níveis. Na parte inferior estão as pessoas que possuem escassa diferenciação do self e alta fusão com os outros. São dependentes dos sentimentos que os outros nutrem por elas, dependendo uma grande quantidade de energia psíquica para amar e ser amadas. Em seguida, estão as pessoas sensíveis, as quais possuem uma fusão menos intensa e um self pouco definido, com uma capacidade potencial de se diferenciar. Ao mesmo tempo em que se exaltam diante de respostas positivas, sentem-se aniquiladas pela crítica, de modo que gastam um alto grau de energia vital para amar ou receber amor e aprovação. O terceiro grupo é formado por pessoas com opiniões bastante definidas, mas que, quando submetidas a situações de tensão, podem tomar decisões emocionais para não desagradar aos demais. Possuem energia para buscar os seus objetivos, visto que não precisam despender tanta energia para manter o seu sistema emocional em equilíbrio. Na parte superior do continuum encontram-se indivíduos seguros de suas opiniões e convicções, mas sem serem dogmáticos ou rígidos em seu modo de pensar. São capazes de respeitar tanto a si mesmos como os outros, assumindo a responsabilidade por si e por suas ações (Bowen, 1991).

Tais níveis, de caráter teórico, nunca foram operacionalizados por Bowen em um instrumento de avaliação (Major et al., 2014). Apesar disso, outros autores desenvolveram medidas para avaliar esse constructo. Uma das medidas mais utilizadas para mensurar a diferenciação do self em pesquisas internacionais, o Differentiation of Self Inventory – Revised (Skowron &

Schmitt, 2003), propõe quatro dimensões que operacionalizam tanto a dimensão intrapsíquica da diferenciação do self, que diz respeito à capacidade de distinguir as emoções dos pensamentos, quanto a sua dimensão interpessoal, que implica no equilíbrio entre a intimidade e a autonomia nos relacionamentos. A dimensão posição do eu avalia um sentido claro e definido do self, bem como a capacidade dos indivíduos de manter as próprias crenças e convicções, mesmo quando pressionados a fazer o contrário. A reatividade emocional avalia a tendência dos indivíduos em responder aos estímulos ambientais com labilidade e com respostas emocionais automáticas. A dimensão fusão com os outros avalia o superenvolvimento emocional com as pessoas significativas, a dependência e a necessidade de aprovação. Por sua vez, o corte emocional avalia o medo da intimidade e o uso de defesas que estabelecem um distanciamento emocional e comportamental em relação aos demais (Major et al., 2014).

Um estudo com universitários norte-americanos encontrou relação entre bons níveis de diferenciação do self e a resolução satisfatória das etapas do desenvolvimento psicossocial propostos por Erikson (medidos pelo *Differentiation of Self Inventory* e pela *Measure of Psychosocial Development*, respectivamente) (Jenkins et al., 2005). Outras pesquisas, investigando amostras de diferentes países e contextos socioculturais, apontam que a diferenciação do self se associa positivamente com o bem-estar psicológico e com as capacidades de relacionamento interpessoal, de autocontrole emocional e de perdoar e, negativamente, com estratégias destrutivas de comunicação, indicadores de sofrimento psicológico, transtornos mentais e apego ansioso (Bartle-Haring et al., 2019; Fiorini et al., 2018; Ghanbarian et al., 2020; Heintzelman et al., 2014; Skowron, 2000; Skowron & Dendy, 2004). Além disso, em uma amostra colombiana, a diferenciação do self também esteve relacionada com a estabilidade do relacionamento ao longo do tempo (Cabrera-García et al., 2019).

Mesmo que o casamento não seja mais um requisito da adultez e nem sinal de maturidade dos jovens adultos (McGoldrick et al., 2016), estabelecer um relacionamento sério ainda é um desejo para muitos deles (Berliner et al., 2016). A etapa de formação do casal diz respeito, principalmente, à construção da conjugalidade. Essa é considerada uma etapa complexa por se tratar da criação de um novo sistema, a partir da união de dois sistemas familiares distintos. Isto implica em uma negociação entre os parceiros sobre quais elementos de suas famílias de origem podem ser aproveitados, adaptados ou descartados, de modo a construir um modelo próprio suficientemente diferenciado. Além disso, uma série de outras demandas se apresentam ao casal, como: organizar a rotina, distinguir os movimentos de fusão da sensação de intimidade, fortalecer os vínculos emocionais e de compromisso entre si, dentre outros (McGoldrick, 2016; Ríos-González, 2011).

O fortalecimento do compromisso mostra-se como uma importante tarefa ao novo casal, sendo considerado o processo emocional chave de transição nessa etapa (McGoldrick et al., 2016). Inicialmente, esse elemento está associado ao estabelecimento da relação e, posteriormente, à sua manutenção, incluindo os investimentos dos membros do casal em prol do relacionamento. O compromisso também pode ser verificado por meio do cumprimento de acordos e do apoio mútuo entre os cônjuges. Além disso, em momentos de crise, muitas vezes, é o principal elemento que sustenta a relação, permitindo que tais eventos sejam atravessados sem, necessariamente, ocorrer um rompimento (Delatorre & Wagner, 2022; Sternberg, 1986).

Em um estudo com casais heterossexuais italianos, a diferenciação do self também se mostrou associada com a satisfação conjugal (Lampis et al., 2019; Peleg, 2008). Essa pode ser definida como a avaliação subjetiva dos membros do casal sobre o seu relacionamento (Delatorre & Wagner, 2022). Os níveis de satisfação conjugal, especialmente no início da relação, são uma importante variável, já que tendem a se manter estáveis ao longo do tempo para a maioria dos casais. Aqueles que experimentam expressivos declínios em sua satisfação geralmente estão em períodos transitórios e críticos do ciclo vital, ou já iniciaram o relacionamento com baixos níveis de satisfação. Isso significa que a maioria daqueles que começam o relacionamento satisfeitos, assim permanecem por longos períodos, conforme apontado em pesquisas norte-americanas realizadas com amostras de nível socioeconômico variado e etnias diversas (Karney & Bradbury, 2020; Williamson & Lavner, 2020).

Entende-se que a diferenciação do self é um processo que segue um ritmo e pode ter características diferentes de acordo com o contexto econômico e sociocultural. Levando isso em conta, a teoria do ciclo vital destaca a relevância de o jovem adulto desenvolver um self independente de sua família de origem antes de transitar para a etapa de formação do casal. Caso contrário, é provável que mais estressores acompanhem o adulto e o novo casal, ao longo do ciclo de vida (McGoldrick & Shibusawa, 2016). Pesquisas internacionais corroboram esse pressuposto ao demonstrar que o nível de diferenciação do self parece ser um importante indicador de êxito nas relações amorosas (Cabrera-García et al., 2019; Dell'Isola et al., 2019; Lampis et al., 2019; Peleg, 2008). Apesar disso, não foram encontrados estudos brasileiros que investiguem a associação entre a diferenciação do self, o compromisso e a satisfação com o relacionamento.

Nessa perspectiva, este estudo teve como objetivo verificar se a diferenciação do self, considerada como uma das tarefas centrais da etapa da emergência dos jovens adultos, prediz o compromisso e a satisfação com o relacionamento em sujeitos adultos casados ou coabitantes. Utilizou-se como marco teórico o referencial sistêmico, em especial, a teoria do ciclo vital familiar (McGoldrick et al., 2016) e a teoria dos sistemas familiares (Bowen, 1991). De acordo com a literatura apresentada, tem-se como hipóteses que os quatro indicadores de diferenciação do self, quais sejam, reatividade emocional, fusão com os outros, corte emocional e posição do eu, irão predizer tanto o compromisso (Cabrera-García et al., 2019) quanto a satisfação com o relacionamento (Lampis et al., 2019; Peleg, 2008).

Método

Delineamento e participantes

Trata-se de um estudo quantitativo, transversal, descritivo e explicativo, constituindo-se como um recorte de um estudo maior que buscou compreender os impactos do distanciamento social durante a pandemia de Covid-19 na conjugalidade. Os critérios de inclusão para este recorte foram: residir com o(a) parceiro(a), ter entre 18 e 29 anos e não ter filhos ou enteados. Diante disso, a amostra foi composta por 342 adultos (274 mulheres e 68 homens), com idades variando entre 20 e 29 anos e média de 25,79 anos (DP = 2,87). Os participantes declararam ser heterossexuais (73,4%, n = 251), bissexuais (16,4%, n = 56) ou homossexuais (8,8%, n = 30). Residiam com seus(uas) parceiros(as) há, em média, 1,19 anos (DP = 1,60 anos), sendo que o tempo médio total do relacionamento foi de 2,5 anos (DP = 1,98 anos). A maior parte da amostra estava em sua primeira união (88,6%, n = 303) e não tinha a relação registrada como união estável ou casamento (76,3%, n = 261).

Caracterizou-se como uma amostra altamente escolarizada, já que 46,6% (n = 159) tinham ensino superior completo e 48,5% tinham ensino superior incompleto (n = 166). A maior parte (73,7%, n = 252) exercia atividade remunerada, com renda pessoal média de R\$ 2.523,54 (DP = R\$ 1.702,14). A renda pessoal dos(as) seus(uas) parceiros(as) era de R\$ 3.739,37 (DP = R\$ 6.236,24), de modo que a renda média dos casais era de seis salários-mínimos (ano de base para o cálculo: 2020). Em sua maioria, a amostra é proveniente do Rio Grande do Sul (n = 109), Santa Catarina (n = 48) e São Paulo (n = 43), porém, houve participação, com menor frequência, de respondentes de Alagoas, Bahia, Ceará, Goiás, Minas Gerais, Paraná, Pernambuco, Rio de Janeiro, Rio Grande do Norte, Sergipe e Tocantins. Cabe destacar que pouco menos de um terço da amostra (n = 93) não respondeu onde residia, visto que essa pergunta foi adicionada ao questionário depois de a coleta de dados já ter sido iniciada.

Instrumentos

Questionário sociodemográfico: desenvolvido pela equipe de pesquisa para caracterizar a amostra no tocante ao sexo, idade, condição amorosa, tempo de coabitação e de relacionamento, orientação sexual, relacionamentos anteriores, tempo dedicado ao trabalho, renda e escolaridade.

A Escala de Qualidade Conjugal - EQC (Delatorre & Wagner, 2022) avalia a qualidade da relação conjugal em cinco dimensões: satisfação, compromisso, intimidade, sexualidade e afetividade. Para este estudo, foram utilizadas as dimensões satisfação e compromisso. Essas dimensões foram escolhidas uma vez que a satisfação consiste em uma medida que representa, de forma geral, a maneira como os indivíduos estão se sentindo com o relacionamento, enquanto o compromisso diz respeito ao processo emocional chave de transição na etapa de formação do casal (McGoldrick et al., 2016). Assim, na EQC, a dimensão satisfação consiste na avaliação global do relacionamento em termos afetivos e cognitivos (ex: “Estou satisfeito com meu relacionamento”; “Estou feliz com meu(minha) companheiro(a)”), e o compromisso avalia o engajamento de cada membro do casal no relacionamento, incluindo assumir responsabilidades, cumprir acordos e apoiar o(a) parceiro(a) (ex: “Divido tarefas com meu(minha) companheiro(a)”; “Minhas decisões levam em conta tanto meus interesses como os de meu(minha) companheiro(a)”). Os itens são pontuados em uma escala Likert de seis pontos (1 = não representa quase nada; 6 = representa muito) e são calculadas as médias dos itens de cada dimensão. Os alfas de Cronbach para as dimensões satisfação e compromisso foram, respectivamente: 0,96 e 0,81.

O Inventário de Diferenciação do Self - Revisto (Differentiation of Self Inventory – Revised – DSI R; Skowron & Schmitt, 2003; validado para Portugal por Major et al., 2014; e adaptado para o português brasileiro por Fiorini, 2017) avalia a diferenciação do self a partir da avaliação de adultos sobre as relações com suas famílias de origem e com as relações atuais. Os 46 itens, respondidos em escala Likert de seis pontos (1 = nada verdadeira; 6 = muito verdadeira), constituem quatro dimensões: reatividade emocional – mensura a tendência para responder aos estímulos ambientais com base em respostas emocionais automáticas, com labilidade emocional (ex: “As pessoas têm reparado que sou excessivamente emotivo(a)”; “Por vezes, os meus sentimentos tomam conta de mim e tenho dificuldades em pensar com clareza”); fusão com outros – avalia o superenvolvimento emocional com os outros significativos, dependência e necessidade de aprovação (ex: “Sinto necessidade de aprovação de praticamente todas as pessoas na minha vida”; “Discussões com os meus pais ou irmão(s) ainda fazem com que eu me sinta mal”); posição do eu – distingue um sentido claro e definido do self e a capacidade de manter as próprias crenças e convicções, mesmo quando pressionado a fazer o contrário (ex: “Tendo a manter-me bastante calmo(a), mesmo sob estresse (sob pressão)”; “Normalmente, faço o que acredito que é correto independentemente do que os outros dizem”); e corte emocional – avalia o medo da intimidade e o uso consequente de defesas que estabelecem distanciamento emocional e comportamental em relação aos outros (ex: “Tendo a me distanciar quando as pessoas se aproximam demasiadamente de mim”; “Sinto, frequentemente, que o(a) meu(minha) esposo(a)/companheiro(a) exige demasiadamente de mim”). Em todas

as subescalas, os valores mais altos refletem maior diferenciação do self, isto é, menos reatividade emocional, menos corte emocional, menos fusão com os outros e mais posições de eu. Os alfas de Cronbach calculados foram 0,85, 0,80, 0,77 e 0,78, respectivamente.

Procedimentos Éticos e de Coleta de Dados

Os dados foram coletados durante os meses de junho e julho de 2020, de forma on-line, pela plataforma Survey Monkey. Trata-se de uma amostra por conveniência, recrutada por meio de convites enviados por e-mail e redes sociais. Também se utilizou do método bola de neve, na medida em que os participantes podiam indicar outros possíveis respondentes. Na página inicial do protocolo de pesquisa constava o Termo de Ciência para Questionário Anônimo, contendo informações sobre a pesquisa e o sigilo das respostas. Os participantes precisaram concordar com os termos para prosseguir para o questionário. O estudo foi aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (nº do processo: 3.369.169).

Procedimentos de Análise dos Dados

Primeiramente, foram calculadas as médias e desvios-padrão das variáveis em estudo. Em seguida, a análise de correlação de Pearson foi utilizada para verificar a existência de relações lineares entre as variáveis. Para testar o papel preditor das dimensões de diferenciação do self sobre o compromisso e a satisfação conjugal, foram realizadas análises de regressão linear múltipla, seguidas por testes diagnósticos para identificar possíveis casos extremos (distância de Cook e resíduos padronizados), multicolinearidade (VIF e tolerância) e verificar a independência dos resíduos (teste de Durbin Watson), a normalidade da distribuição (histograma, gráfico de dispersão e QQplot) e a homocedasticidade (gráfico de resíduos e valores ajustados). Finalmente, foi realizado o procedimento de bootstrapping de 2000 amostras, com um intervalo de confiança de 95%, para aumentar a confiabilidade dos resultados e compensar possíveis desvios da distribuição dos dados. As análises de regressão foram realizadas utilizando os pacotes car, QuantPsync e ggplot2 e boot, do software R versão 3.6.3.

Resultados

A Tabela 1 apresenta as análises descritivas das variáveis investigadas. Nota-se que a amostra possui altos níveis de compromisso e satisfação conjugal e, de maneira geral, níveis médios de diferenciação do self.

Tabela 1

Média, desvio padrão, valores mínimo e máximo das variáveis do estudo

	n	Média	DP	Mínimo	Máximo
<i>Compromisso</i>	342	5,33	0,66	2,29	6,00
<i>Satisfação</i>	342	5,17	1,16	1,00	6,00
<i>Reatividade emocional</i>	342	3,17	1,02	1,00	5,55
<i>Posição do eu</i>	342	3,88	0,83	1,45	6,00
<i>Corte emocional</i>	342	4,47	0,86	1,83	6,00
<i>Fusão com os outros</i>	342	3,25	0,84	1,27	5,58

A Tabela 2, que apresenta a correlação entre as variáveis do estudo, demonstra que todas as variáveis apresentam associação entre si. Quanto maior a diferenciação do self dos participantes, maiores os níveis de compromisso e satisfação conjugal.

Tabela 2*Correlação entre as variáveis do estudo*

	1	2	3	4	5	6
<i>Compromisso</i>	-					
<i>Satisfação</i>	0,624***	-				
<i>Reatividade emocional</i>	0,187***	0,193***	-			
<i>Posição do eu</i>	0,306***	0,165**	0,541***	-		
<i>Corte emocional</i>	0,449***	0,459***	0,383***	0,185***	-	
<i>Fusão com os outros</i>	0,196***	0,134*	0,626***	0,524***	0,340***	-

Nota. * p < .05, ** p < .01, *** p < .001

Foram realizadas duas análises de regressão múltipla, uma delas testando o papel preditor das dimensões da diferenciação do self no compromisso e a outra na satisfação conjugal. Os diagnósticos dos resíduos de ambos os modelos indicaram independência dos resíduos (valores de Durbin-Watson entre 1,5 e 2,5) e ausência de multicolinearidade (VIF abaixo de 5 e tolerância acima de 0,4). Contudo, a análise dos gráficos de resíduos indicou possíveis desvios da normalidade e violação do pressuposto de homocedasticidade. Além disso, os resíduos padronizados (>3) revelaram possíveis casos influentes, que poderiam enviesar a estimativa dos parâmetros. Dessa forma, cinco casos foram excluídos do modelo analisando o compromisso e seis casos foram retirados do modelo de satisfação conjugal. A estimativa de intervalos de confiança a partir do método de bootstrapping, com 2000 reamostragens, foi utilizada para compensar os possíveis desvios dos pressupostos. Os modelos finais avaliando o papel preditor da diferenciação do self no compromisso (Tabela 3) e na satisfação conjugal (Tabela 4) são apresentados a seguir.

Tabela 3*Regressão linear múltipla com as dimensões de diferenciação do self como predictoras do compromisso*

	B	SE B	Bootstrap I. C.	β	p
<i>Intercepto</i>	3,323	0,179	2,942, 3,673		< 0,001
<i>Corte emocional</i>	0,325	0,034	0,258, 0,392	0,479	< 0,001
<i>Posição do eu</i>	0,224	0,040	0,144, 0,305	0,313	<0,001
<i>Reatividade emocional</i>	-0,078	0,036	-0,142, -0,008	-0,135	0,036
<i>Fusão com os outros</i>	-0,010	0,044	-0,095, 0,066	-0,015	0,810
<i>n</i>	337				
<i>R² Ajustado</i>	0,289				< 0,001

Tabela 4

Regressão linear múltipla com as dimensões de diferenciação do self como predictoras da satisfação conjugal

	B	SE B	Bootstrap I. C.	β	p
<i>Intercepto</i>	2,187	0,323	1,438, 2,906		< 0,001
<i>Corte emocional</i>	0,572	0,063	0,454, 0,717	0,477	< 0,001
<i>Posição do eu</i>	0,159	0,073	0,025, 0,313	0,126	0,031
<i>Reatividade emocional</i>	0,031	0,067	-0,083, 0,143	0,031	0,642
<i>Fusão com os outros</i>	-0,070	0,079	-0,218, 0,070	-0,056	0,376
<i>n</i>	336				
<i>R² Ajustado</i>	0,250				< 0,001

A Tabela 3 mostra que as dimensões da diferenciação do self explicam 28,9% da variância do compromisso. As dimensões de corte emocional, posição do eu e reatividade emocional foram predictoras do compromisso. Dessa forma, quanto menor o corte emocional e quanto maiores a posição do eu e a reatividade emocional, maior o compromisso, sendo que a fusão com os outros não apresentou efeito sobre esta variável.

Já a satisfação conjugal teve 25,0% da variância explicada pela diferenciação do self, conforme a Tabela 4. O corte emocional foi a variável com maior peso explicativo no modelo, seguido pela posição do eu. A reatividade emocional e a fusão com os outros, por sua vez, não foram preditores da satisfação conjugal

Discussão

O presente estudo buscou verificar se a diferenciação do self, enquanto uma das tarefas centrais da etapa de emergência de jovens adultos, prediz o compromisso e a satisfação com o relacionamento de adultos jovens casados ou em coabitação. Os resultados confirmam parcialmente a hipótese de que a diferenciação do self é preditora do compromisso e da satisfação conjugal, já que três dimensões da diferenciação foram predictoras do compromisso e duas dimensões foram predictoras da satisfação conjugal. Esses achados vão ao encontro da ideia de que indivíduos com maior diferenciação do self são menos dependentes do relacionamento para atender suas próprias necessidades emocionais e têm mais facilidade para atender às necessidades do parceiro, o que favorece a satisfação conjugal (Bartle-Haring et al., 2019). Além disso, corroboram a teoria do ciclo vital familiar (McGoldrick & Shibusawa, 2016), no sentido de que a resolução satisfatória das tarefas de cada fase do ciclo vital, nesse caso, a diferenciação do self na transição para a vida adulta, facilitam o desenvolvimento das fases subsequentes, como o estabelecimento do compromisso e da satisfação na formação do casal.

No que diz respeito às dimensões do construto diferenciação do self, o corte emocional apresentou maior peso explicativo tanto para o compromisso como para a satisfação conjugal. O corte emocional é um mecanismo compensatório utilizado por pessoas com baixa diferenciação do self a fim de controlar a ansiedade advinda da proximidade com os outros (Bowen, 1991). Encontrou-se que, quanto menos prevalente a dimensão de corte emocional, maior o compromisso e a satisfação do indivíduo com o relacionamento. Este resultado corrobora a literatura, a qual identifica associações entre menores níveis de corte emocional e melhores de satisfação e ajustamento conjugal (Cepukiene, 2021; Lampis et al., 2019; Peleg, 2008; Skowron, 2000). Estudos diádicos evidenciam que baixos níveis de corte emocional de um indivíduo também se relacionam com um melhor ajustamento conjugal na avaliação que seu(a) parceiro(a) faz da relação (Price et al., 2021; Rodríguez-González et al., 2019).

Investigando as relações entre diferenciação do self e ajustamento diádico em uma amostra transcultural de 915 americanos, 635 italianos e 591 espanhóis, Rodríguez-González et al. (2020) identificaram o corte emocional como um preditor consistente do ajustamento de casais dessas três nacionalidades. Os autores propõem que as diferenças no nível de envolvimento emocional esperadas nestas culturas não seriam suficientes para alterar o estresse na relação que seria provocado pelo afastamento emocional de um ou de ambos os parceiros (Rodríguez-González et al., 2020). Ademais, tendo em vista que esta dimensão abrange o medo da intimidade e o uso de defesas pautadas no distanciamento físico e/ou afetivo do(a) parceiro(a) (Major et al., 2014), pode-se pensar que menores níveis de corte emocional favoreçam o vínculo entre o casal, a conexão emocional, o fortalecimento do compromisso entre a díade e, conseqüentemente, a satisfação com a relação.

A dimensão posição do eu também atuou como preditora do compromisso e da satisfação conjugal, denotando que altos níveis nessa variável correspondem a melhores resultados para o relacionamento de adultos jovens. Estudos anteriores apontaram associação entre a posição do eu e o ajustamento diádico, tanto em amostras de casais heterossexuais italianos (Lampis et al., 2019) quanto de homens israelenses (Peleg, 2008). De acordo com Lampis et al. (2019), essa associação se justifica porque indivíduos com maior capacidade de se posicionar assertivamente têm maior facilidade de estabelecer relações funcionais e dar respostas empáticas ao parceiro, o que, por sua vez, favorece o ajustamento diádico.

Buscando identificar os mecanismos que explicam de que forma a diferenciação do self impacta em variáveis do relacionamento, Dell'Isola et al. (2019) encontraram que baixos índices de apego ansioso, caracterizado por segurança na relação e baixa ansiedade frente a sinais de estresse do(a) parceiro(a), e alta capacidade de resolver conflitos mediaram a associação entre a alta posição do eu com níveis baixos de hostilidade conjugal (Dell'Isola et al., 2019). Outros estudos demonstram que indivíduos com escores mais altos na dimensão posição do eu possuem menos crenças irracionais sobre o relacionamento (Kurt & Gündüz, 2020), maior bem-estar geral e melhor funcionamento diário (Cepukiene, 2021). Isso indica que as pessoas que se sentem confortáveis com seus sentimentos têm maior probabilidade de acessá-los livremente, de manter autonomia em suas relações próximas e de manter a calma em relacionamentos conflitantes. Esses indivíduos também têm maior chance de resolver seus problemas relacionais de forma eficaz e de chegar a acordos. Consequentemente, possuem melhor ajustamento conjugal (Lampis et al., 2019) e tendem a manter relacionamentos mais duradouros (Cabrera-García et al., 2019).

Os resultados denotam que a dimensão reatividade emocional também explicou a variação no compromisso, mas não na satisfação, de modo que, quanto mais alta a reatividade, maior foi o senso de compromisso dos participantes. Em um estudo (Lampis et al., 2017) que buscou compreender o papel da diferenciação do self no comportamento codependente, os autores encontraram que a reatividade emocional foi uma das variáveis com maior peso explicativo na variação dos índices de codependência. Segundo os autores, os indivíduos com alta reatividade emocional tendem a reagir de maneira exagerada frente a sentimentos negativos, como forma de obter atenção e suporte dos outros e, assim, garantir a sua disponibilidade. Nesse mesmo sentido, outro estudo (Lampis & Cataudella, 2019) encontrou que a reatividade emocional foi o principal preditor do apego ansioso na relação conjugal. As pessoas com este estilo de apego tendem a exagerar na expressão de sentimentos de mágoa e na indução de culpa no parceiro, como uma forma de mantê-lo envolvido na relação (Overall et al., 2014).

Corroborando esses dados, o estudo de Jenkins et al. (2005) encontrou que os indivíduos com alta reatividade emocional, que respondem aos estímulos do ambiente com labilidade emocional, inundação emocional ou hipersensibilidade, são menos confiantes em suas próprias habilidades e têm uma identidade menos estável. Considerando o conjunto das informações, é possível que esses sujeitos depositem muitas expectativas no relacionamento, mostrando-se sensíveis às mínimas variações comportamentais e de humor de seus(uas) parceiros(as) e, assim, fazendo mais investimentos na relação, a fim de buscar o reassseguramento de que o outro também está comprometido. Isso condiz com as proposições de Bowen (1991) de que as pessoas indiferenciadas tendem a investir um alto nível de energia vital para se sentir amadas e para receber amor e aprovação. Dessa forma, é possível que essa maior necessidade de investimento na relação e de busca de garantias emocionais de seus parceiros, por parte de pessoas emocionalmente mais reativas, tenha se refletido, no presente estudo, em um maior compromisso percebido com a relação. Contudo, apesar de o resultado ter sido estatisticamente significativo, é importante destacar que o peso explicativo da reatividade emocional no modelo foi baixo, sendo que o limite superior do intervalo de confiança do parâmetro de regressão foi próximo a zero. Portanto, esse resultado deve ser considerado com cautela.

Das quatro dimensões da diferenciação do self, a fusão com os outros foi a única que não foi significativa nem no modelo de compromisso, nem no modelo de satisfação. A fusão com os outros diz respeito ao superenvolvimento emocional com as pessoas significativas, ao estabelecimento de relações de dependência e à necessidade de aprovação (Bowen, 1991). Na etapa de formação do casal, uma das tarefas consiste na distinção entre fusão e intimidade (McGoldrick, 2016) e no equilíbrio entre a individualidade e a conjugalidade (Féres-Carneiro, 1998). Considerando que os participantes deste estudo estavam morando com seus(uas) parceiros(as) há, em média, um ano e dois meses, talvez a tarefa ainda não estivesse consolidada. Uma vez que a intimidade e a paixão tendem a ser mais altas nas etapas iniciais do relacionamento (Rizzon et al., 2013), e que, nesse momento da vida, o casal está construindo a sua própria identidade conjugal (Féres-Carneiro, 1998), é possível que um certo nível de fusão seja esperado nesse momento, não impactando na satisfação e no compromisso – nem de forma positiva, e nem de forma negativa.

Considerações finais

Este estudo possibilitou verificar que a diferenciação do self atuou como preditora do compromisso e da satisfação conjugal em uma amostra de adultos jovens casados ou em coabitação e de nível socioeconômico predominantemente médio a alto. Esses resultados reforçam a importância de se considerar os níveis de diferenciação dos sujeitos em estudos sobre a

conjugalidade, especialmente quando se considera o desenvolvimento de adultos jovens.

A realização deste estudo não se deu sem limitações. O fato de a maioria dos participantes possuírem alta escolaridade e renda se constitui como um viés de amostra que demanda cautela na generalização dos achados, especialmente para pessoas de baixa renda e diferentes contextos socioculturais. Karney e Bradbury (2020) revisaram a literatura dos últimos 10 anos referente aos determinantes da satisfação e da estabilidade dos relacionamentos e encontraram que os processos diádicos parecem ser influenciados de modo importante pelo contexto, sendo que processos que são adaptativos para casais das classes média e alta podem operar de forma diferente para casais de baixos níveis socioeconômicos. Nessa perspectiva, seria útil que investigações futuras explorassem essas variáveis em diferentes níveis socioeconômicos, preferencialmente, com maior equilíbrio de gênero dos respondentes, já que a amostra do presente estudo também é formada, majoritariamente, por mulheres. Estudos utilizando outros métodos, como os qualitativos, também podem se constituir como contribuições importantes para compreender de maneira mais aprofundada os impactos do contexto nesses processos.

Apesar disso, percebe-se uma importante potencialidade do estudo por investigar o compromisso como indicador da qualidade conjugal, já que a maioria dos estudos atuais têm investigado apenas a satisfação ou o ajustamento. Outra contribuição importante foi ter investigado casais jovens em um período inicial do relacionamento, o que também não é o foco de grande parte dos estudos que investigam os efeitos da diferenciação na conjugalidade. Compreender esse período inicial do relacionamento pode ser importante para se pensar em possibilidades de atuação clínica que visem à promoção e prevenção de saúde na conjugalidade, dada a influência da etapa inicial da relação na trajetória relacional subsequente (Karney & Bradbury, 2020; Williamson & Lavner, 2020).

Ainda, ressalta-se que os achados deste estudo trazem subsídios para a prática clínica, na medida em que reforçam a importância da diferenciação do self em adultos jovens e sua reverberação nas relações amorosas. Além disso, os resultados permitem inferir que intervenções e programas psicoeducativos destinados ao público jovem com o objetivo de fomentar o processo de diferenciação de self são estratégias que potencializam o desenvolvimento sadio ao longo do ciclo vital, possuindo um caráter não apenas terapêutico, mas também de prevenção e promoção de saúde mental e relacional, já que este processo pode reverberar em melhor qualidade das relações amorosas.

Referências

- Bartle-Haring, S., Ferriby, M., & Day, R. (2019). Couple differentiation: Mediator or moderator of depressive symptoms and relationship satisfaction? *Journal of Marital and Family Therapy*, 45(4), 563-577. <https://doi.org/10.1111/jmft.12326>
- Berliner, K., Jacob, D., & Schwartzberg, N. (2016). Single adults and the life cycle. In M. McGoldrick, N. G. Preto, & B. Carter (Eds), *The expanding family life cycle: Individual, family, and social perspectives* (5th ed., pp. 190-204). Pearson.
- Bowen, M. (1991). *De la familia al individuo: La diferenciación del sí mismo en el sistema familiar*. Ediciones Paidós.
- Brandão, T., Saraiva, L., & Matos, P. M. (2012). O prolongamento da transição para a idade adulta e o conceito de adultez emergente: Especificidades do contexto português e brasileiro. *Análise Psicológica*, 30(3), 301-313. <https://doi.org/10.14417/ap.568>
- Cabrera-García, V. E., Herrera-Calle, L., & Serrato-Vásquez, C. (2019). Importancia de la diferenciación de sí mismo y el ajuste diádico en la explicación de la estabilidad marital. *Revista Colombiana de Psicología*, 28, 65-80. <https://doi.org/10.15446/rcp.v28n1.67705>
- Cepukiene, V. (2021). Adults' psychosocial functioning through the lens of Bowen theory: The role of interparental relationship quality, attachment to parents, differentiation of self, and satisfaction with couple relationship. *Journal of Adult Development*, 28, 50–63. <https://doi.org/10.1007/s10804-020-09351-3>
- Delatorre, M. Z., & Wagner, A. (2022). Construção e evidências de validade da Escala de Qualidade Conjugal. *Psico-USF*, 27, 129-141. <https://doi.org/10.1590/1413-82712022270110>
- Dell'Isola, R., Durtschi, J., & Morgan, P. (2019). Underlying mechanisms explaining the link between differentiation and romantic relationship outcomes. *The American Journal of Family Therapy*, 47(5), 293–310. <https://doi.org/10.1080/01926187.2019.1655814>

- Dutra-Thomé, L., & Koller, S. (2014). Emerging adulthood in Brazilians of differing socioeconomic status: Transition to adulthood. *Paidéia*, 24(59), 313-322. <https://doi.org/10.1590/1982-43272459201405>
- Dutra-Thomé, L., Marques, L. F., Seidl-de-Moura, M. L., Ramos, D. de O., & Koller, S. (2019). Desenvolvimento da autonomia: Diferenças de gênero e idade da adolescência à idade adulta emergente. *Acta de investigación psicológica*, 9(2), 14-24. <https://doi.org/10.22201/fpsi.20074719e.2019.2.259>
- Erikson, E. H. (1998). *The life cycle completed: Extended version*. W.W. Norton & Company.
- Féres-Carneiro, T. (1998). Casamento contemporâneo: O difícil convívio da individualidade com a conjugalidade. *Psicologia: Reflexão e Crítica*, 11(2), 379-394. <https://doi.org/10.1590/S0102-79721998000200014>
- Fiorini, M. C. (2017). *Percepção do funcionamento familiar, diferenciação do self e adaptabilidade de carreira de estudantes universitários* [Dissertação de Mestrado, Universidade Federal de Santa Catarina]. <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/bitstream/handle/123456789/177764/346988.pdf?sequence=1&isAllowed=y>
- Fiorini, M. C., Müller, F. G., & Bolze, S. D. A. (2018). Diferenciação do self: Revisão integrativa de artigos empíricos internacionais. *Pensando Famílias*, 22(1), 146-162. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?pid=S1679-494X2018000100012&script=sci_arttext
- Fulmer, R. H. (2016). Becoming an adult: Learning to love and work. In: M. McGoldrick, N. G. Preto, & B. Carter (Eds), *The expanding family life cycle: Individual, family, and social perspectives* (5th ed., pp. 240-258). Pearson.
- Ghanbarian, E., Hajhosseini, M., Mikani, M., & Mahmoudpour, A. (2020). Differentiation of self and mate retention behaviors: The mediating role of communication patterns. *Evolutionary Psychology*, 18(4), 1-8. <https://doi.org/10.1177/1474704920972051>
- Heintzelman, A., Murdock, N. L., Krycak, R. C., & Seay, L. (2014). Recovery from infidelity: Differentiation of self, trauma, forgiveness, and posttraumatic growth among couples in continuing relationships. *Couple and Family Psychology: Research and Practice*, 3(1), 13-29. <https://doi.org/10.1037/cfp0000016>
- Jenkins, S. M., Buboltz, W. C., Schwartz, J. P., & Johnson, P. (2005). Differentiation of self and psychosocial development. *Contemporary Family Therapy*, 27, 251-261. <https://doi.org/10.1007/s10591-005-4042-6>
- Karney, B. R., & Bradbury, T. N. (2020). Research on marital satisfaction and stability in the 2010s: Challenging conventional wisdom. *Journal of Marriage and Family*, 82(1), 100-116. <https://doi.org/10.1111/jomf.12635>
- Kurt, A. A., & Gündüz, B. (2020). The investigation of relationship between irrational relationship beliefs, cognitive flexibility and differentiation of self in young adults. *Çukurova Üniversitesi Eğitim Fakültesi Dergisi*, 49(1), 28-44. <https://doi.org/10.14812/cufej.658628>
- Lampis, J., & Cataudella, S. (2019). Adult attachment and differentiation of self-constructs: A possible dialogue? *Contemporary Family Therapy*, 41, 227-235. <https://doi.org/10.1007/s10591-019-09489-7>
- Lampis, J., Cataudella, S., Busonera, A., & Skowron, E. A. (2017). The role of differentiation of self and dyadic adjustment in predicting codependency. *Contemporary Family Therapy*, 39, 62-72. <https://doi.org/10.1007/s10591-017-9403-4>
- Lampis, J., Cataudella, S., Agus, M., Busonera, A., & Skowron, E. A. (2019). Differentiation of self and dyadic adjustment in couple relationships: A dyadic analysis using the actor-partner interdependence model. *Family Process*, 58(3), 698-715. <https://doi.org/10.1111/famp.12370>
- Leme, V. B. R., Coimbra, S., Dutra-Thomé, L., Braz, A. C., Morais, G. A. de, Falcão, A. O., & Fontaine, A. M. (2021). Preditores das crenças de autoeficácia de jovens frente aos papéis de adulto. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 37, e373513. <https://doi.org/10.1590/0102.3772e373513>

- Major, S., Rodríguez-González, M., Miranda, C., Rousselot, M., & Relvas, A (2014). Inventário de diferenciação do Self-Revisto (IDS-R). In: A. P. Relvas, & S. Major (Coords.), *Avaliação familiar: Funcionamento e intervenção* (pp. 71-96). Imprensa da Universidade de Coimbra.
- McGoldrick, M. (2016). Becoming a couple: The joining of families. In: M. McGoldrick, N. G. Preto, & B. Carter (Eds.), *The expanding family life cycle: Individual, family and social perspectives* (5th ed., pp. 259–279). Pearson.
- McGoldrick, M., & Shibusawa, T. (2016). O ciclo vital familiar. In: F. Walsh (Ed.), *Processos normativos da família: Diversidade e complexidade* (4th ed., pp. 375–398). Artmed.
- McGoldrick, M., Preto, N. G., & Carter, B. (2016). The life cycle in its changing context: Individual, family, and social perspectives. In: M. McGoldrick, N. G. Preto, & B. Carter (Eds.), *The expanding family life cycle: Individual, family, and social perspectives* (5th ed., pp. 1-44). Pearson.
- Overall, N. C., Girme, Y. U., Lemay, E. P. Jr, & Hammond, M. D. (2014). Attachment anxiety and reactions to relationship threat: The benefits and costs of inducing guilt in romantic partners. *Journal of Personality and Social Psychology*, 106(2), 235–256. <https://doi.org/10.1037/a0034371>
- Papalia, D. E., & Feldman, R. D. (2013). Desenvolvimento psicossocial no início da vida adulta e no adulto jovem. In: D. E. Papalia, & R. D. Feldman (Eds), *Desenvolvimento humano* (12 ed., pp.482-508). AMGH.
- Peleg, O. (2008). The relation between differentiation of self and marital satisfaction. *The American Journal of Family Therapy*, 36, 388-401. <https://doi.org/10.1080/01926180701804634>
- Price, A. A., Leavitt, C. E., & Allsop, D. B. (2021). How gender differences in emotional cutoff and reactivity influence couple's sexual and relational outcomes. *Journal of Sex & Marital Therapy*, 47(1), 16-31. <https://doi.org/10.1080/0092623X.2020.1800541>
- Ríos-González, J. A. (2011). *Los ciclos vitales de la familia y la pareja ¿Crisis u oportunidades?* (2nd ed.). Editorial CCS.
- Rizzon, A. L. C., Mosmann, C. P., & Wagner, A. (2013). A qualidade conjugal e os elementos do amor: Um estudo correlacional. *Contextos Clínicos*, 6(1), 41-49. <https://dx.doi.org/10.4013/ctc.2013.61.05>
- Rodríguez-González, M., Lampis, J., Murdock, N. L., Schweer-Collins, M. L., & Lyons, E. R. (2020). Couple adjustment and differentiation of self in the United States, Italy, and Spain: A cross-cultural study. *Family Process*, 59(4), 1552-1568. <https://doi.org/10.1111/famp.12522>
- Rodríguez-Gonzales, M., Martins, M. V., Bell, C. A., Lafontaine, M-F., & Costa, M. E. (2019). Differentiation of self, psychological distress, and dyadic adjustment: Exploring an integrative model through an actor-partner analysis. *Contemporary Family Therapy*, 41, 293-303. <https://doi.org/10.1007/s10591-019-09493-x>
- Skowron, E. A. (2000). The role of differentiation of self in marital adjustment. *Journal of Counseling Psychology*, 47(2), 229-237. <https://doi.org/1037//0022-0167.47.2.229>
- Skowron, E. A., & Dendy, A. K. (2004). Differentiation of self and attachment in adulthood: relational correlates of effortful control. *Contemporary Family Therapy* 26(3), 337-357. <https://doi.org/10.1023/B:COFT.0000037919.63750.9d>
- Skowron, E. A., & Schmitt, T. A. (2003). Assessing interpersonal fusion: reliability and validity of a new DSI fusion with others subscale. *Journal of Marital and Family Therapy*, 29(2), 209-222. <https://doi.org/10.1111/j.1752-0606.2003.tb01201.x>
- Sternberg, R. J. (1986). A triangular theory of love. *Psychological Review*, 93(2), 119–135. <https://doi.org/10.1037/0033-295X.93.2.119>

Williamson, H., & Lavner, J. (2020). Trajectories of marital satisfaction in diverse newlywed couples. *Social Psychological and Personality Science*, 11(5), 597-604. <https://doi.org/10.1177/1948550619865056>

Como Citar:

Tavares, S. T. N da S., Gonçalves, T. G., Levandowski, D. C. (2023). Sobre(viver) entre partidas e chegadas: Investimento em nova gestação após perda gestacional. *Revista Subjetividades*, 23(2), e12756. <https://doi.org/10.5020/23590777.rs.v23iEsp.1.e12756>

Endereço para correspondência

Angélica Paula Neumann
angelicaneumann@gmail.com

Marina Zanella Delatorre
marina_mzd@yahoo.com.br

Giovania Mitie Maesima
giovaniमितie@gmail.com

Patricia Santos da Silva
patis.psico@gmail.com

Adriana Wagner
adrianaxwagner@gmail.com



Recebido: 20.07.2021

Revisado: 08.09.2022

Aceito: 20.10.2022

Publicado: 25.05.2023